

EM FOCO

BEN JONSON: A NARRATIVA DE UM TEATRO QUE ATRAVESSOU TRÊS REINOS

*BEN JONSON: A NARRATIVE OF A THEATER
THAT SPANS THREE KINGDOMS*

*BEN JONSON: UNA NARRACIÓN DE UN
TEATRO QUE ABARCA TRES REINOS*

WILLIAM SOARES DOS SANTOS

SANTOS, William Soares dos.
Ben Jonson: a narrativa de um teatro que atravessou três reinos.
Repertório, Salvador, ano 23, n. 34, p. **248-273**, 2020.1

DOI: <https://doi.org/10.9771/r.vi134.33284>

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é traçar um breve painel sobre a obra teatral do escritor e dramaturgo Ben Jonson (1572-1637) e do seu lugar dentro da produção do teatro elisabetano, jacobino e carolino. A pesquisa, de caráter qualitativo, é realizada a partir de base bibliográfica, através da qual se procura traçar uma perspectiva a respeito da importância da obra dramática de Ben Jonson.

PALAVRAS-CHAVE:

Ben Jonson. Teatro Elisabetano, Jacobino e Carolino. Teatro ingles. Literatura inglesa.

ABSTRACT

The aim of this research is to outline a brief panel on the theatrical work of the writer and playwright Ben Jonson (1572-1637) and his place in the production of the Elizabethan, Jacobin and Carolinian theatre. The research, of a qualitative nature, is carried out from a bibliographical basis, through which it is sought to draw a perspective about the importance of Ben Jonson's plays.

KEYWORDS:

Ben Jonson. Elizabethan, Jacobean and Carolinian theatre. English theatre. English literature.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es esbozar un breve panel sobre el trabajo teatral del escritor y dramaturgo Ben Jonson (1572-1637) y su lugar en la producción del teatro isabelino, jacobino y caroliniano. La investigación, de naturaleza cualitativa, se lleva a cabo desde una base bibliográfica, a través de la cual se busca dibujar una perspectiva sobre la importancia de las obras de Ben Jonson.

PALABRAS CLAVE:

Ben Jonson. Teatro isabelino, jacobino y caroliniano. Teatro inglés Literatura inglesa.



INTRODUÇÃO

O PERÍODO DO RENASCIMENTO INGLÊS foi um dos momentos mais ricos de produção filosófica, científica e cultural da história da Inglaterra. Foi na dinâmica criativa deste movimento que se deu, por exemplo, a emergência do teatro elisabetano (e jacobino), o que propiciou a produção de alguns dos nomes mais importantes da literatura e da dramaturgia inglesa. Sem sombra de dúvidas, hoje já é bastante claro para a crítica especializada que William Shakespeare (1564-1616) foi o maior deles. No entanto, ele não foi o único. Outros escritores e dramaturgos do período deixaram a sua marca devido à qualidade e à inovação de seus trabalhos literários e dramáticos. Nomes como George Chapman (1559-1634), Christopher Marlowe (1564-1593), John Marston (1576-1634) e Ben Jonson (1572-1637), entre outros, também são importantes quando procuramos compreender a produção cultural e, particularmente, a dramaturgia do período.

Nesta pesquisa, traço um breve perfil da vida e do trabalho de Ben Jonson com enfoque em sua produção dramática, a fim de pesquisar a importância de sua obra no conjunto da produção teatral do Renascimento inglês.

Escritor, intelectual e dramaturgo contemporâneo de William Shakespeare, Jonson é muito conhecido pelo elogio que fez a Shakespeare na primeira coletânea das peças do bardo de Avon, em 1623, em uma publicação que é hoje conhecida como

The First Folio é considerada uma das mais importantes publicações do mundo ocidental por conter grande parte da obra de Shakespeare e, sem a qual, muitas de suas peças estariam perdidas para sempre. Mas a obra de Ben Jonson é muito mais vasta, indo muito além do belo texto de elogio a William Shakespeare.

Ben Jonson é considerado por muitos especialistas como o segundo dramaturgo mais importante do Renascimento inglês, apesar disso e, embora tenha tido uma produção artística prolífica que inclui, além das peças, poemas e mascaradas,¹ não escreveu tantas obras para teatro quanto Shakespeare, nem teve a habilidade de construir, como este, um patrimônio que lhe garantisse fortuna na maturidade. A sua personalidade complexa e belicosa levou-o a se envolver em várias controvérsias ao longo da vida, sendo a mais grave delas a de, em sua juventude, ter sido condenado à morte por duelar e matar um colega do teatro, sendo salvo por sua formação intelectual privilegiada e por seu conhecimento de latim. Ainda que tenha recebido do Rei James I o título de poeta laureado do reino, com todas as benesses da insígnia, não deixou de ter peças censuradas ao longo da vida, tendo sido preso por isso, o que, também contribuiu para que ele não tivesse uma produção dramática mais constante. A sua produção irregular, no entanto, não impede que hoje possamos ver a sua obra como uma das principais da dramaturgia do Renascimento inglês.

O Renascimento pode ser caracterizado como um movimento intelectual e social de caráter bastante abrangente. Inicialmente desenvolvido a partir do século XIII na Itália, na cidade estado de Florença, ganhou dimensão e maturidade com o tempo, tendo se espalhado e influenciado grande parte do continente europeu de sua época. O Renascimento se caracterizou pelo desenvolvimento do pensamento científico, filosófico e cultural e, em parte, na tentativa de suplantando a preponderância do pensamento religioso que caracterizava a Idade Média. Os intelectuais do Renascimento procuravam essa transformação, principalmente, através da árdua pesquisa de redescoberta, leitura e tradução dos textos da Antiguidade Clássica. Assim, textos latinos e gregos eram buscados e estudados com avidez por esses intelectuais. Dos três maiores nomes do Renascimento italiano, Dante Alighieri (1265-1321), Francesco Petrarca (1304-1374) e Giovanni Boccaccio (1313-1375), podemos dizer que Petrarca foi o homem que encarnou, por excelência, esse espírito de busca e pesquisa. A esse respeito Greenblat (2011, p. 104), observa:

1 A mascarada (em inglês *masque*) é uma forma de entretenimento que se desenvolveu entre os séculos XVI e XVII na Europa. Com origens no teatro medieval italiano, misturava dança, teatro, canto, música e *design* de cenários e roupas em que atores utilizando máscaras (daí o seu nome) encenavam espetáculos de temas diversos.

Estudioso competente, Petrarca começou a procurar textos antigos que estavam esquecidos. Ele não foi o primeiro a fazê-lo, mas conseguiu revestir sua busca com uma urgência e um prazer renovados [...]. Copiando, comparando e corrigindo os antigos textos latinos que encontrou, Petrarca os colocou em circulação ao compartilhá-los com uma vasta rede de correspondentes para quem, depois de acordar à meia-noite para sentar à escrivaninha, ele escrevia com uma energia maníaca.

O humanismo, derivado do movimento renascentista, não se limitava ao estudo de textos clássicos, Petrarca e a sua rede de colaboradores e discípulos acreditava que toda a sua empreitada deveria servir ao homem de modo a proporcionar-lhe o engrandecimento ético. Essa perspectiva também estará presente no Renascimento inglês, que não se limitou ao teatro, mas encontrou nele uma de suas mais importantes expressões.

O Renascimento demorou para chegar à Inglaterra com toda a sua força. Dentre os motivos para essa demora, dois deles se destacam. O primeiro é a posição geográfica da Inglaterra. Sendo uma grande ilha, em uma época em que se dependia de cartas e da navegação para o estabelecimento de contato com o continente europeu, o fluxo de informações e ideias era muito lento. O segundo motivo é que a Inglaterra passou grande parte dos séculos anteriores em guerras civis que enfraqueciam a sua capacidade de negociar e de se relacionar com países do continente europeu de forma mais constante e efetiva.

A chegada do Renascimento de forma efetiva à Inglaterra influenciou a superação do teatro medieval, ligado à tradição educativa da igreja, seja no teatro de mistérios ou milagres, seja no teatro de moralidades e interlúdios. Além de se tornarem profissionais, os envolvidos com o teatro elisabetano tinham como um de seus objetivos desenvolverem uma expressão em que a arte teatral se valesse por si mesma, sem a necessidade de estar ligado à mensagem religiosa ou moral. Como um dos pilares do pensamento Renascentista era o deslocar o foco do pensamento teocêntrico para o antropocêntrico, o teatro elisabetano teve como uma de suas características mostrar o ser humano em sua complexidade.

O TEATRO ELISABETANO

O esplendor do teatro elisabetano se desenvolveu, dentre outros motivos, graças à estabilidade econômica e social conquistada pelo reinado de Elizabeth I (1533 -1603), que foi monarca da Inglaterra de 17 de novembro de 1558 a 24 de março de 1603. Antes de seu reinado, a Inglaterra havia sido corroída por anos de guerras civis e por disputas religiosas. Elizabeth I foi capaz de conter grande parte das tensões internas, estabeleceu o anglicanismo como religião oficial do reino e possibilitou a entrada da Inglaterra no mercado financeiro de sua época. Essa estabilidade política e econômica proporcionou o crescimento de cidades como Londres. Santos (2003, p. 212) nos lembra, por exemplo, que a partir da segunda metade do século XVI, Londres teve um grande desenvolvimento e, ao final do século XVI, já era uma das maiores cidades europeias, com cerca de duzentos mil habitantes.

Antes desse desenvolvimento, o teatro inglês era constituído, basicamente, por trupes de atores que, embora tenham desenvolvido e consolidado a tradição do teatro inglês, eram amadores ou semiamadores e itinerantes. No período elisabetano, os primeiros teatros foram construídos na Inglaterra e, justamente, na cidade de Londres, o que iria marcar para sempre a configuração da dramaturgia. Nas palavras de Marlene Soares dos Santos (2003, p. 213), a construção de espaços fixos para a representação de peças teatrais foi um dos marcos centrais da história do teatro moderno:

[...] um dia, alguém percebeu que os londrinos gostavam tanto de teatro que estariam até dispostos a se locomover até ele e pagar para vê-lo. A primeira tentativa se deu em 1567 com o Red Lion e não foi bem-sucedida; quase dez anos mais tarde, em 1576, foi construída a primeira casa de espetáculo inteiramente dedicada à arte de representar e que se chamou - muito apropriadamente - The Theatre. Foi um marco na história do teatro em geral e do teatro elisabetano em particular.

Com o estabelecimento de um espaço próprio, o teatro elisabetano passa a ser uma instituição cultural de muita importância para os ingleses, um espaço no qual as pessoas iam, não apenas para verem apresentações de uma peça, mas se socializarem, serem vistas, fazerem negócios e etc. O que não significa que a constituição desse espaço tenha se dado facilmente. Como eu tive a oportunidade de indicar em outra pesquisa (SANTOS: 2020, p. 94), o teatro elisabetano se desenvolveu em uma linha tênue entre opressão e permissividade:

Construído para além dos limites da cidade de Londres (os muros medievais e a barreira natural imposta pelo rio Tâmesa, o teatro se estabelece nos espaços conhecidos como sendo as *liberties*, onde ficavam os leprosários, as casa de jogos e prostituição, em um lugar estratégico entre a cidade e o campo [...], ocupando uma posição ambígua tanto geográfica (fora da cidade, mas parte dela) quanto socialmente (uma vez que atraía um público das mais diversas classes). Despertando a raiva dos puritanos e contando com a simpatia da população e da realeza, o teatro se torna, dentro da hierarquia da sociedade inglesa, um dos poucos espaços democráticos onde, quem se dispusesse a pagar, poderia ocupar o lugar que quisesse; e se constitui, também, um dos poucos espaços públicos frequentados pelas mulheres.

As ideias que chegavam do continente europeu influenciavam a produção do teatro inglês do Renascimento e é em sua produção que vemos com evidência o choque entre o antigo pensamento medieval e a tentativa de superá-lo. Em vários aspectos, o Renascimento que chegou à Inglaterra foi beneficiado pelas experiências do continente europeu, tornando a passagem do mundo medieval ao moderno um movimento inequívoco. A esse respeito Santos (1994, p. 74) observa que

O Renascimento chegou tarde à Inglaterra - no século XVI -, mas ao fazê-lo trouxe consigo algumas consequências de sua estada na Itália e na França, o que muito contribuiu para a aceleração do processo que iria levar a ilha vizinha a ingressar na Idade Moderna como já haviam feito outras nações europeias.

O teatro elisabetano surge nesse momento de tensão entre o mundo medieval que insistia em permanecer e o mundo moderno que igualmente insistia em se estabelecer, entre uma arte teatral como meio ancilar da religião e da moral e uma arte teatral como fim em si mesma, independente e autônoma.

O público do teatro se estabelece e cresce e, também, o número de teatros e companhias teatrais. A disputa por esse público ávido por novidades era grande e todos os envolvidos com o teatro tinham de dar o melhor de si. Dramaturgos como Marlowe, Shakespeare e Ben Jonson tinham formação clássica. Marlowe havia sido aluno de Cambridge, Shakespeare conhecia bem o latim e Ben Jonson o latim e o grego, além disso, todos buscavam em fontes clássicas inspirações e temas para as suas obras e foram hábeis em fazer relações com o mundo medieval e, sobretudo, em captar o espírito de sua própria época.

Ben Jonson é o que se destaca por retratar o mundo em que vivia. Enquanto autores como Shakespeare, levavam para o palco, principalmente, tramas que transportavam a plateia a outros mundos que não ao seu, através de peças históricas, situadas no passado da Inglaterra ou de outras civilizações antigas – como, por exemplo, a antiga Roma –, ou em cenários imaginados, o trabalho de Ben Jonson se caracterizou, também, por retratar a Londres de seu tempo como poucos – Shakespeare, por exemplo, possui apenas uma peça passada em Londres e que não era a de seu tempo, *As alegres comadres de Windsor*. As suas referências à Londres da Renascença e aos seus personagens inauguram uma nova face do teatro do Renascimento inglês, conhecida como “city comedies” ou “citizen plays”, trabalhos que retratam o cotidiano de Londres e seus personagens, geralmente envolvidos em questões como casamento, a busca fácil pelo enriquecimento e pela ascensão social, a ética entre cidadãos, dentre outros temas correlatos à vida cidadina.

A VIDA DE BEN JONSON

Ben Jonson nasceu no dia 11 de junho de 1572 na cidade de Westminster, Inglaterra. Infelizmente, diferentemente de Shakespeare, para o qual temos um documento que dá testemunho de seu batismo – e, por conseguinte, de seu nascimento –, no caso de Jonson, essa data faz parte da tradição oral registrada por Thomas Fuller em sua *History of The Worthies of England* de 1662 (DONALDSON, 2011, p. 58), mas há outras evidências que atestam o ano de 1572 como sendo, realmente, o ano de seu nascimento.

Os primeiros anos de sua vida foram difíceis, embora o seu pai fosse de origem nobre, ele foi encarcerado, perdeu as suas propriedades e os seus direitos de nobreza durante o período de perseguição religiosa do reinado da rainha Mary – que nasceu em 1516 e reinou de 1553 até a sua morte, em 1558. Depois de solto, ele se tornou clérigo e morreu um mês antes do nascimento de Ben Jonson. Dois anos depois de seu nascimento, a mãe de Ben Jonson se casou com um mestre pedreiro, que o criou como sendo seu filho. Jonson, no entanto, nunca deixará de ser influenciado pela figura de seu pai biológico e pela sua origem nobre.

Jonson frequentou, inicialmente, a escola em St Martin's Lane. Posteriormente, um amigo da família pagou os seus estudos na escola de Westminster, onde ele teve como um de seus professores William Camden (1551-1623), importante intelectual da época, que se tornou seu amigo e o influenciou profundamente. Ao terminar a escola, há indicações de que Ben Jonson tinha interesse de ir para a Universidade de Cambridge, mas foi cooptado por seu padrasto, que o queria como mestre pedreiro.

Após um breve período de formação e trabalho como pedreiro, Jonson se voluntariou para lutar na campanha em que a Inglaterra combatia os Países Baixos junto ao regimento de Francis Vere (1560 - 1609) em Flandres. Uma das principais fontes sobre a vida de Ben Jonson nesse período é o manuscrito de Hawthornden (1619) em que o poeta William Drummond of Hawthornden anotou suas conversas com Ben Jonson. Em suas anotações, Drummond escreve que, certa ocasião quando estava em Flandres, Jonson desafiou um dos soldados holandeses para

um combate corpo a corpo no qual ele teria matado o soldado e feito de suas armas espólio de guerra como nas batalhas clássicas. Essa narrativa é um testemunho da personalidade complexa e belicosa de Ben Jonson.

Depois do fim de seu serviço militar no continente europeu, Ben Jonson voltou para Londres e começou a trabalhar como ator e dramaturgo. Sabemos que ele atuou em peças importantes da época, como no papel de Hieronimo na peça *The Spanish Tragedy* (cerca de 1586) escrita por Thomas Kyd (1558-1594) e que foi um dos maiores sucessos do teatro elisabetano. Em 1597, Ben Jonson estava trabalhando para a companhia de teatro *Admiral's Men* atuando e escrevendo. Infelizmente, suas obras iniciais não chegaram até nós. Alguns estudiosos acreditam que *The Case is Altered* possa ser uma peça desse período e, portanto, a única da fase inicial de Ben Jonson que teria sobrevivido. Nesse mesmo ano de 1597, Jonson escreveu uma peça – hoje perdida – com Thomas Nashe, intitulada *The Isle of Dogs*, que foi censurada e suprimida. Além disso, foram expedidos mandados de prisão para os autores e atores. Thomas Nashe conseguiu escapar, mas Jonson foi preso na prisão de Marshalsea em Southwark, na parte sul do rio Tâmisa, sendo solto pouco tempo depois. Sabemos, no entanto, que no ano seguinte (1598) ele foi preso novamente – desta vez na prisão de Hogsden Fields, hoje parte de Hoxton, no lado leste de Londres – por ter matado um de seus colegas de companhia, o ator Gabriel Spenser em um duelo no dia 22 de setembro, a poucos dias da estreia de sua peça *Every man in His Humor*, que contava com William Shakespeare entre os atores. Ben Jonson chegou a ser condenado à morte, mas foi solto apelando para um recuso jurídico da época (*benefit of clergy*), ao demonstrar saber recitar trechos da Bíblia em latim. Outra informação biográfica importante desse período é que, enquanto estava na prisão, ele teria se convertido ao catolicismo sob a influência do companheiro de cela e padre jesuíta Thomas Wright. Jonson recebeu como pena um breve tempo de prisão e teve o seu dedo polegar esquerdo marcado em brasa.

Ainda no ano de 1598, a peça *Every Man in His Humour* fez sucesso o suficiente para possibilitar o seu estabelecimento como dramaturgo. Em 1599, ele apresenta outra peça, *Every Man Out of His Humor*, da qual não temos o histórico de recepção à sua época, mas que ao ser publicada, teve boas vendas. Entre o final do período elisabetano e início do jacobino, Ben Jonson se envolve em

outra controvérsia, ficando no centro do que hoje é conhecido como “The War of Theatres” (A guerra dos teatros), ao atacar alguns de seus colegas dramaturgos da época em suas peças e poemas e ser atacado por eles da mesma forma. Com a ascensão de James I ao poder, tudo indica que essa polêmica termina e os dramaturgos começam a trabalhar para se estabelecerem dentro da nova ordem.

Com a ascensão de James I, Ben Jonson conseguiu se estabelecer como um dos principais criadores de mascaradas para a corte. E, embora ele tenha criado aquelas que são consideradas as suas principais peças durante o reinado de James I, as mascaradas serão a sua mais importante forma de expressão artística durante todo o período. A era jacobina é considerada a principal de sua produção. Nela ele se estabelece como artista da corte, escreve as suas principais peças e ganha alguma estabilidade financeira.

Mas nem no, aparentemente tranquilo, começo do reinado de James I, Jonson consegue se abster de controvérsias. Em 1603, a sua peça *Sejanus*, levou-o a ser investigado, preso e interrogado pelas autoridades devido ao teor político da obra – que, no entanto, se passava na antiga Roma. E, em 1605, a sua peça *Eastward Ho!*, escrita com George Chapman e John Marston, foi censurada e levou-o novamente à prisão, da qual ele sairia com a ajuda de alguns protetores.

Jonson é considerado o primeiro poeta inglês laureado. Isso se deu quando ele, em 1616, passou a receber do Rei uma pensão de 60 Libras anuais. Talvez, devido a esse benefício, ele tenha sido motivado a publicar a reunião de suas obras no mesmo ano – da qual houve edições póstumas ampliadas em 1640 - 1641 e em 1692. Também, talvez motivado pela graça real e por sua crescente fama, ele realizou uma viagem à Escócia em 1618. A sua viagem durou até 1619. Ao retornar para a Inglaterra, ele recebeu o grau honorário de *Master of Arts* da Universidade de Oxford, título equivalente a um “*Doutor Honoris causa*” dos dias de hoje.

Ben Jonson se casou, aos vinte e dois anos, com Ann Lewis, em 1594, na igreja de St. Magnus-the-Martyr, próxima à Torre de Londres. Em seu diário, Drummond escreve que Jonson disse que a sua mulher era “megera, mas honesta”. Frase que indica que Jonson e sua mulher não teriam uma boa relação. Algo que deve ter se acentuado devido às mortes dos três filhos que conceberam. A Igreja de St. Martin

possui o registro da morte de Mary Jonson, a sua filha mais velha, em 1593, aos seis meses de idade. Em 1603 o seu filho, batizado com o nome do pai, morreu aos sete anos de idade devido à peste bubônica e o seu terceiro filho, também chamado Ben Jonson, morreu em 1635. No fim de sua vida, Ann e Jonson viviam separadamente.

Com a ascensão de Charles I, em 1625, Jonson passa a ser negligenciado na corte. Ele briga com o seu, outrora, colaborador na construção de mascaradas, Inigo Jones. O rei decide por chamar outro escritor, o que torna a sua situação ainda mais incerta. Nos anos seguintes, Jonson sofre outros reveses, como o incêndio que destruiu a sua preciosa biblioteca, em 1623, e o ataque que paralisou a maior parte de seus movimentos em 1628. Mas, ele ainda conseguiu produzir algumas mascaradas para a corte e peças para o teatro e obteve do novo rei a graça de um aumento em sua pensão anual para 100 libras, bem como um barril anual de vinho e um de cerveja.

Ben Jonson faleceu no dia 16 de agosto de 1637, em Londres, aos 65 anos de idade. Seu funeral aconteceu no dia seguinte, quando ele foi sepultado no corredor norte da Catedral de Westminster. Sobre a sua tumba foi inscrita a frase “*O rare Ben Jonson*” (Oh, raro Ben Jonson). Em 1723 o Conde de Oxford erigiu um monumento a Ben Jonson no canto dos poetas da Catedral de Westminster com a mesma inscrição de sua lápide.

A OBRA DRAMATÚRGICA DE BEN JONSON

É através do *First Folio* de Ben Jonson que temos acesso à sua obra reunida, mas ao contrário do que aconteceu com Shakespeare, que teve parte significativa de seu trabalho dramático reunido em 1623, ou seja, seis anos após a sua morte, Jonson editou o seu próprio *Folio* em vida, deixando a produção posterior à sua publicação, em 1616, de fora do volume. Assim, o acesso à sua produção também se dá através de *Quartos*² específicos. Além disso, o *First*

2 As impressões conhecidas como “*quartos*”, se constituíam de um livro cujas folhas eram divididas em duas, pela metade, e, em seguida, eram novamente dobradas, formando quatro páginas dobradas ou oito páginas cada folha. Tratava-se de publicações mais baratas, feitas com papel de menor qualidade e eram facilmente descartadas, razão pela qual poucas delas chegaram até nós.

Folio de Jonson, diferentemente daquele de Shakespeare, trazia obras que não eram apenas dramáticas, mas, também, poesia e narrativa.

Em seus 65 anos de vida, Jonson produziu cerca de 23 peças de teatro, algumas (talvez, três) não chegaram a nós e outras (duas) ficaram incompletas. Grande parte de seu sucesso teatral se deu com a comédia, gênero que possibilitou a exploração de temas do cotidiano e de seus personagens.

Ben Jonson foi um dos raros dramaturgos da Renascença inglesa que viveu em três reinados distintos. E, embora exista uma tradição que qualifica a totalidade da produção teatral inglesa desses reinados de “teatro elisabetano”, ainda assim, proponho que a visão da produção teatral de Jonson assume características diferentes em cada um desses diferentes períodos. Por isso, considero importante dividir a produção da sua obra dramática com base nos reinados em que viveu para que possamos compreender melhor as características que a sua produção assume nesses diferentes momentos.

A PRODUÇÃO TEATRAL DE BEN JONSON NO PERÍODO ELISABETANO

Matthew Steggle em um texto intitulado “Jonson in the Elizabethan period” (“Jonson no período elisabetano”) sustenta que o período elisabetano – entre 1558 e 1603 –, não apenas formou Ben Jonson, mas, também, definiu a direção de sua produção teatral nos reinados que se seguiram. Em *Every Man In His Humor* de 1598, uma de suas primeiras peças, Jonson dá uma forte indicação de uma das principais características que o seu teatro iria tomar nos anos que se seguiram: a educação da plateia através da abordagem de temas cotidianos. No prólogo dessa peça, ele escreve uma espécie de manifesto em que diz:

Ações e linguagem como os homens usam
E pessoas como a Comédia teria escolhido
Quando ela mostrasse uma imagem dos tempos,
E brincar com loucuras humanas, não com os seus crimes³
(*Every Man In His Humor*. Prologue, ll. 21-4, tradução nossa)

3 Deeds, and language
such as men do use / And
Persons such as Comedy
would choose / When she
would show an image of the
times, / And sport with hu-
man follies, not with crimes.

A citação acima fala, primeiramente, de linguagem “como os homens a utilizam”, o que mostra o compromisso do teatro de Ben Jonson de utilizar uma linguagem dramatúrgica que busca emular a fala cotidiana. Em seguida, ele se refere a pessoas que a comédia escolheria, ou seja, aponta para o compromisso de retratar ações do cotidiano, o que o afasta da grandiloquência da tragédia, com a sua busca por representar feitos heroicos de grandes personagens mitológicos ou da História. Depois, o prólogo fala de acontecimentos envolvendo questões humanas, mais uma vez, enfatizando o seu olhar para o cotidiano de seu tempo. Esse prólogo é uma das pistas daquilo que será uma das marcas mais expressivas do teatro de Jonson, aquilo que será conhecido como “city comedy”, ou “citizen play”, peças cuja principal característica é a exploração de situações do cotidiano da cidade e de seus cidadãos.

Em sua peça seguinte, *Every Man Out of His Humour* (encenada em 1599), Jonson desenvolve a ideia de teatro como terapia para as insanidades ou tolices humanas, uma concepção baseada na visão medicinal dos “humores”, muito em voga em sua época. Essa ideia tinha como premissa a reabilitação moral através da representação satírica, ou seja, ao ver personagens agindo de forma imoral no palco, o espectador seria levado à reformulação de sua própria ética ao contemplar as consequências das ações dos personagens. Essa percepção entra em confronto com outros dramaturgos que, de certa forma, buscavam um teatro de entretenimento, um teatro popular que lotasse as audições e proporcionasse lucro às suas companhias teatrais. No final do período elisabetano, de modo geral, a proposta de Jonson sucumbe ao teatro de entretenimento.

Embora o período elisabetano da produção de Jonson tenha sido marcado pela comédia, sabemos que ele também produziu as peças históricas *Robert II, King of Scots* e *Richard Crookback* que, no entanto, não chegaram até nós. É tentador pensar como Jonson teria desenvolvido o seu ideal de teatro nesse período através desses trabalhos.

De suas oito peças concebidas no período elisabetano, as que se destacam são aquelas, tais como *Every Man in His Humor*, que já apontam para características que se afirmariam no período do reinado seguinte, de James I, como, por exemplo, a de explorar personagens e situações do mundo citadino, facilmente

reconhecíveis pelos frequentadores dos teatros. Assim, a era elisabetana pode ser descrita como um período de formação para Ben Jonson, mas que mostra a potência de um dramaturgo com grande capacidade de retratar o seu tempo no palco como poucos.

A PRODUÇÃO TEATRAL DE JONSON NO PERÍODO JACOBINO

Foi no período jacobino (1603-1625) que Ben Jonson desenvolveu a maior parte de sua produção e escreveu aquelas que são consideradas as suas principais peças: *Volpone*, *The Alchemist*, *Epicoene or The Silent Woman* e *Bartholomew Fair* – para sugestões de tradução dos títulos, veja o Index deste trabalho. É, também, nesse período que ele conseguirá estabelecer conexões mais estreitas com a corte, algo que lhe dará alguma estabilidade e notoriedade no período, o que, muito provavelmente, influenciou a recepção do seu trabalho.

Ben Jonson conseguiu acesso ao centro do mundo jacobino através do complexo sistema de patronado que existia na época. No centro da vida da nova corte, uma forma de entretenimento que já existia passou a predominar: as mascaradas. Além de ser um espetáculo propício à corte, por permitir a participação de seus membros ao envolver poesia, teatro, dança, coreografia, música, canto, design e engenharia, a mascarada, invariavelmente, encenava narrativas que colocavam o rei no centro da ordem universal do império. Andrew McRae (2010, p. 25) nos informa que Ben Jonson conseguiu importantes recompensas financeiras com as mascaradas. Ele também utilizou outras formas de expressão literária, como fez em seu conjunto de poemas intitulado *Epigrams*, para mostrar o seu apreço por personalidades no centro do poder, principalmente, o rei.

Em suas principais peças escritas no período jacobino, Ben Jonson se mantém coerente com seu programa de construção dramatúrgica, compreendendo o teatro como uma forma de educação, como ele mesmo informa em sua “Epistle” (linhas 110-115), indexada na edição de uma de suas peças mais famosas, *Volpone* (2003, tradução nossa):

[...] e a minha coroa, aprovada; em que trabalhei por suas instruções e emendas, para reduzir não apenas as formas antigas, mas as maneiras da cena, a facilidade, a propriedade, a inocência, uma última, a doutrina, que é o principal fim da poesia, para informar os homens, na melhor razão de viver.⁴

A peça *Volpone* é um bom exemplo de um texto dramaturgicamente de Ben Jonson que traz alguns dos elementos de seu programa didático, tais como a crítica da ambição humana, a crítica – mesmo que indireta – às convenções teatrais e literárias antigas, ainda utilizadas por alguns de seus colegas dramaturgos da época e a crítica a comportamentos condenáveis de seu tempo, o que faz desta peça uma das mais emblemáticas da Renascença inglesa e que, ao mesmo tempo, possui uma atualidade perturbadora, ainda em nosso longínquo século XXI.

Outra peça do período é *Epicoene* que mostra o absurdo de um homem que mora no centro de Londres não suportar o barulho da cidade e, ainda mais, querer se casar com uma mulher que seja silenciosa. A solução final da peça foi revolucionária demais para época, o que levou Ben Jonson a ser interrogado pela justiça novamente. Em *Bartholmew Fair*, Jonson traz uma de suas mais geniais criações ao retratar personagens típicos de uma Londres que buscava entretenimento diverso em uma famosa feira anual, não conseguindo resistir às tentações que o mercantilismo oferecia. Na peça *The Alchemist* vemos um grupo de golpistas enganar uma série de personagens típicos da cidade, que desejam ganhar dinheiro sem o devido trabalho. Em *The Devil Is an Ass*, um demônio, enviado à Londres de 1616 para arregimentar almas para o inferno, é ludibriado pela falta de ética dos homens, o que faz com que a criatura das trevas suplique ao seu mestre para retornar para o mundo inferior, visto que Londres é muito pior. Em *Eastward Ho!*, escrita com George Chapman (1599-1634) e John Marston (1576-1634), uma jovem burguesa despreza as suas origens em busca de ascensão social ao se casar por interesse com um falso nobre e um aprendiz esquece os seus deveres para com seu mentor para se entregar às depravações típicas da cidade. Em todas essas peças encontramos descrições de uma nova ordem que surgia: o capitalismo que, com a derrocada da moral medieval, faz com que o valor do dinheiro esteja no centro da vida cotidiana (WATSON, 2003), concretizando a ideia de que o mundo moderno compra as almas dos homens em troca de poder

4 “[...] and to my crown, approved; wherein I have laboured for their instruction and amendment, to reduce not only the ancient forms, but manners of the scene, the easiness, the propriety, the innocence, at last, the doctrine, which is the principal end of poesy, to inform men, in the best reason of living.”

e de glória superficiais, em um movimento no qual o dinheiro substitui o antigo Deus da Idade Média.

A PRODUÇÃO TEATRAL DE JONSON NO PERÍODO CAROLINO

O período carolino (1625 - 1645) marca, também, uma mudança de elementos peculiares do teatro de Jonson, alguns de seus personagens aparecem, por exemplo, deslocados do núcleo citadino, mas ainda podem ser entrevistas as características que marcaram a sua produção nas fases anteriores. Nesse período, Ben Jonson produz três novas peças completas: *The Staple of News*, *The New Inn, or The Light Heart* e *The Magnetic Lady or Humours Reconciled*. Revisa e encena peças antigas – como *A Tale of a Tube* – e deixa inacabadas duas peças (*The Sad Shepeherd* e *Mortimer His Fall*). De algum modo, essas produções inacabadas refletem a sua dificuldade de se estabelecer no novo mundo que se impunha com a ascensão do rei Charles I.

Uma peça excepcional deste período é *The Staple of News*, de 1629, que satiriza uma novidade do mundo moderno: a imprensa, que surge na Inglaterra, justamente nos anos de 1620, buscando prover o povo inglês com informações sobre a Guerra dos Trinta Anos (um dos mais sangrentos conflitos da história da Europa), que acontecia no continente europeu, ao mesmo tempo em que instigava os ingleses a entrarem na guerra ao lado das tropas protestantes. O principal enredo da peça centraliza as figuras dos irmãos Pennyboy e de Lady Pecunia, símbolo da nova sociedade da época e que possui uma serva de nome *Mortgage* (*Hipoteca*, em português), em uma sátira acerba da emergente ética capitalista.

The New Inn, or The Light Heart é uma peça em que Jonson desloca o tema da corte amorosa, um dos elementos centrais da literatura Medieval, para o cenário impreciso de um albergue onde Lady Frances Frampul se apaixona por um cavaleiro melancólico, Lord Lovel, que, no entanto, sabe descrever o amor de forma tão entusiasmante que ganha o coração de Lady Frances. Embora seja desenvolvida em forma de debate, “The New Inn” é uma peça na qual o tema do *crossdressing* (ou travestismo), que havia sido muito bem explorado na peça *Epicoene*, na qual

a personagem principal da peça se revela ser do sexo oposto, volta a ser utilizado por Jonson. Nessa peça, alguns temas, antes característicos do teatro de Jonson, estão mais apagados, não encontramos com clareza o conflito citadino, uma vez que o cenário é deslocado para o mundo fechado (e de certa forma fantasioso) de um albergue, mas a sua missão educativa está presente, por exemplo, quando um dos personagens, que é o próprio Lord Lovel, tem de aprender sobre o valor da comunidade, algo que para ele é bem difícil. Além disso, a peça não deixa de trazer críticas implícitas ao seu tempo, sobretudo se levarmos em consideração a leitura de Julie Sanders (1996, p. 560, tradução nossa), para quem,

As possibilidades de texto e performance de *The New Inn* contêm argumentos implícitos a favor do debate político e social e em apoio à estrutura parlamentar: eles podem ser interpretados como potencialmente críticos dos problemas de dissolução e absolutismo da corte de Carlos I, em oposição à constituição de seus endossos.⁵

Em sua última peça completa, *The Magnetic Lady, or Humors Reconciled*, Ben Jonson traz uma trama envolvendo uma rica dama, Lady Loadsome, sua sobrinha Placentia e os vários pretendentes que a rodeiam em busca, sobretudo, de herdar a sua riqueza. A trama fica mais complexa, no entanto, ao abordar o tema (espinhoso à época) da possibilidade de da gravidez ilegítima, ou fora de um casamento legalmente estabelecido. A peça foi severamente atacada pelos detratores de Ben Jonson, o que pode ter contribuído para que ela não tivesse êxito.

O período carolino será marcado pelo fim da produção de Jonson, afastado da corte por conta de seus conflitos com outros produtores de mascaradas – sobretudo, com Inigo Jones – e devido à sua saúde precária que, nos últimos anos de vida, o levou à pobreza e a passar grande parte do tempo na cama. As suas últimas peças completas não tiveram o mesmo sucesso das escritas no período jacobino. Em seu último trabalho para o teatro, *The Sad Sheperd*, que ficou incompleto, Jonson, recria uma floresta de Sherwood longínqua de seu tempo, e que, de muitas maneiras, reflete o seu posicionamento, agora deslocado, no reinado de Charles I. Em seu texto, *Ben Jonson, Dramatist* (1984), Anne Barton lê esta última produção de Jonson como uma obra nostálgica, na qual o autor olha para o seu passado na tentativa de criar uma narrativa de continuidade com o presente.

5 “The playtext and performance possibilities of *The New Inn* contain implicit arguments in favour of political and social debate and in support of the parliamentary structure: these can be interpreted as potentially critical of Caroline court poches of dissolution and absolutism as opposes to constituting endorsements of them”.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Ben Jonson é menos um autor que buscou retratar a eternidade em suas peças, mas aquele que mostrou as circunstâncias de sua época. Se compararmos a produção teatral de Ben Jonson com a de Shakespeare, por exemplo, descobriremos que é na obra de Ben Jonson que encontraremos o melhor retrato da Inglaterra de seu tempo. É em suas comédias de costumes – as *citizen comedies* ou *city comedies* – que teremos melhor conhecimento dos personagens reais da Inglaterra elisabetana, jacobina e carolina, com os seus nobres, seus bandidos, falsários, cidadãos que tentavam subir na escala social, com seus negócios e sua visão de mundo.

Vários são os locais da cidade de Londres, de Westminster ou de suas circunvizinhanças que são imortalizados em suas peças. Lugares como Isle of Dogs, Moorfields, Blackfriars, Pimlico, Puddle Wharf, Fish Street, entre outros, são vividamente descritos em suas peças. De certo modo, Jonson cria uma imagem da cidade moderna em sua obra, sendo um dos primeiros autores a mostrar a complexidade da vida urbana. Em suas peças é comum ver o lado negativo da cidade – seus vícios, personagens que buscam ganho fácil ou subir de posto na escala social, mas que acabam sendo castigados –, e, também, o seu lado positivo – a sua tentativa de estabelecer ordem e justiça e o estímulo da vida em comunidade. Em suas peças, o mercantilismo, gérmen do capitalismo, aparece como um dos elementos centrais das relações do mundo novo que se formava e dava, ao mesmo tempo, configuração à cidade. A esse respeito, Ian Donalson (2011, p. 22, tradução nossa) observa que,

Como Dickens, que tanto admirava suas peças, Jonson criou uma visão da cidade moderna como um lugar ocupado, misterioso e labiríntico, repleto de vida excêntrica. Ele ajudou a inventar o novo gênero de comédia da cidade que reflete intrigantemente a Londres jacobina de volta a si mesma.⁶

A produção de teatral de Ben Jonson, como vimos, sofre influências dos reinados em que viveu, mas, ao mesmo tempo, permanece fiel aos ideais da Renascença,

6 “Like Dickens, who so admired his plays, Jonson created a vision of the modern city as a busy, mysterious and labyrinthine place, teeming with eccentric life. He helped to invent the new genre of city comedy that intriguingly reflect the Jacobian London back to”.

tais como inicialmente estabelecido no reinado de Elizabeth I, o período que marcará profundamente toda a história do teatro inglês. Ben Jonson foi um inovador ao deslocar o cenário, o tema de suas peças para o seu cotidiano imediato. Com essa escolha, ele nos possibilita um retorno à Inglaterra de seu tempo. Mas não se tratou de um caminho fácil para ele, falar de seu próprio tempo criou armadilhas que impuseram a censura e, mesmo, o desaparecimento de suas peças.

Apesar das dificuldades, Ben Jonson foi uma artista fiel à sua obra. Suas comédias trazem um mundo citadino em constante jogo de forças em que o desequilíbrio só pode resultar em ruína para todos. Seus personagens com nomes que indicam a sua personalidade ou, em alguns casos representam alegorias tão caras ao teatro medieval, preparavam o público para uma lição na qual prevalecia a harmonia do mundo citadino.

Ao escrever sobre a recepção da obra de Ben Jonson, James Loxley (2010, p. 75) nos lembra que seis meses após a sua morte, alguns de seus admiradores publicaram um volume de elegias em sua homenagem intitulado *Jonsonus Virbius*, o que mostra que Jonson foi reconhecido em seu tempo. Podemos perceber hoje que essa publicação pode ser compreendida não apenas como reconhecimento da importância de Jonson para seus seguidores e leitores, mas, também, uma tentativa de se estabelecer um cânone literário para futuros leitores e escritores. Depois de passar um longo período, de certo modo, relegada, T. S. Elliot (1888-1956) retoma com grande força a leitura da obra de Jonson no século XX. Hoje, as peças de Ben Jonson são estudadas e representadas com regularidade, sobretudo no mundo anglo-saxão, também não é incomum a representação e adaptação de suas peças no teatro ou mesmo no cinema – veja-se, por exemplo, no Brasil a produção do filme *Mercado de Notícias*, baseado na peça *The Staple of News*, lançado em 2014, com roteiro e direção de Jorge Furtado –, o que mostra a vitalidade e permanência de suas obras ainda nos nossos dias.

Esta pesquisa teve como objetivo traçar um breve painel do trabalho dramático de Ben Jonson, mostrando como o seu teatro se constitui uma narrativa que atravessa três reinos ingleses, mas há muito mais o que conhecer. A obra de Ben Jonson é profícua e envolve, além de sua produção teatral, uma grande obra lírica, em prosa e mascaradas. As próprias peças de Ben Jonson, no momento

em que escrevo, carecem de maior divulgação, de leitura e de estudo, ao menos no Brasil. Esta pesquisa procura, ainda que de forma muito limitada, contribuir para suprir essa lacuna, para que a obra de Ben Jonson seja mais conhecida entre nós e para que, sobretudo a sua obra dramatúrgica, venha, cada vez mais, a ser encenada e reconhecida como uma das principais expressões do teatro da Renascença inglesa.

REFERÊNCIAS

- BARTON, Anne. *Ben Jonson, Dramatist*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 338-351.
- DONALDSON, Ian. *Ben Jonson a Life*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- GREENBLATT, Stephen. *A virada: o nascimento do mundo moderno*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.
- JONSON, Ben. *Every Man In His Humour*. London: Bloomsbury Methuen Drama, 1996.
- JONSON, Ben. *Volpone*. London: Bloomsbury, 2003. (New Mermaids). Primeira edição publicada em 1968.
- LOXLEY, James. Critical Reception. In: SANDERS, Julie. *Ben Jonson in Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 73-83.
- MCRAE, Andrew. Jonson in the Jacobean period. In: SANDERS, Julie. *Ben Jonson in Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 23-30.
- SANDERS, Julie. The Day's Sports Devised in the Inn': Jonson's 'The New Inn' and Theatrical Politics. *Modern Language Review*. v. 91, n. 3, p. 545-560, July 1996.
- SANTOS, Marlene Soares dos. O teatro elisabetano. In: NUÑEZ, Carlinda Fragale P. et al. *O teatro através da história*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil: Entourage Produções, 1994. p. 69-97.
- SANTOS, Marlene Soares dos. O teatro e a pólis: Shakespeare e Londres. *Revista Semear*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 213-228, 2003.
- SANTOS, William Soares dos. *Identidades masculinas em Coriolano e Antonio & Cleópatra de William Shakespeare*. São Paulo: Amavise Editora, 2020.
- STEGGLE, Matthew Steggle. Jonson in the Elizabethan period. In: SANDERS, Julie. *Ben Jonson in Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 15-22.
- WATSON, Robert N. Introduction. In: JONSON, BEN, *Volpone*. London: Bloomsbury, 2003. p. vii-xxxiii. (New Mermaids). Primeira edição publicada em 1968.

APENDIX

Abaixo trago uma lista com os trabalhos de Ben Jonson. Resolvi trazer informações que não se referem apenas aos trabalhos para teatro, mas, também, a poemas, prosa e mascaradas. O objetivo aqui não é o de explanar cada obra, mas apenas o de prover os leitores com um recurso inicial de pesquisa. As traduções em português ao lado dos títulos originais ingleses são de minha autoria e podem não refletir traduções realizadas ou que ainda possam ser feitas das obras.

PRODUÇÃO TEATRAL

A Tale of a Tub (Um conto de uma banheira), comédia (c. 1596, revista e encenada em 1633; impressa em 1640).

The Isle of Dogs (A ilha dos cachorros), comédia (1597, escrita com Thomas Nashe; peça perdida).

The Case is Altered (O caso foi alterado), comédia (c. 1597-98; impressa em 1609), possivelmente escrita com Henry Porter e Anthony Munday.

Every Man in His Humour (Cada homem com o seu humor), comédia (encenada em 1598; impressa em 1601).

Every Man out of His Humor (Cada homem fora do seu humor), comédia (encenada em 1599; impressa em 1600).

Cynthia's Revels (A festa de Cynthia), (encenada em 1600; impressa em 1601).

The Poetaster (O poetaastro), comédia (encenada em 1601; impressa em 1602).

Sejannus His Fall (A queda de Sejanus), tragédia (encenada em 1603; impressa em 1605).

Eastward Ho! (Para a direção leste!) comédia (encenada e impressa em 1605), em colaboração com John Marston e George Chapman.

Volpone (A Raposa), comédia (c. 1605-06; impressa em 1607)

Epicoene, or the Silent woman (Epicene, ou a mulher silenciosa), comédia (encenada em 1609; impressa em 1616).

The Alchemist (O alquimista), comédia (encenada em 1610; impressa em 1612)

Catiline His Conspiracy (A conspiração de Catilina), tragédia (encenada e impressa em 1611).

Bartholomew Fair (A feira de São Bartolomeu), comédia (encenada em 31 de outubro de 1614; impressa em 1631).

The Devil is an Ass (Diabo é um burro), comédia (encenada em 1616; impressa em 1631).

The Staple of News (A parte mais importante da notícia / Mercado de notícias), comédia (encenada em fevereiro de 1626; impressa 1631).

The New Inn, or The Light Heart (A nova hospedaria, ou a Luz do coração), comédia registrada em 19 de janeiro de 1629; impressa em 1631).

The Magnetic Lady, or Humors Reconciled (A dama magnética, ou humores reconciliados), (registrada em 12 de outubro de 1632; impressa em 1641).

The Sad Shepherd (O pastor triste) (c. 1637, impressa em 1641), peça incompleta.

Mortimer His Fall (A queda de Mortimer), peça histórica (impressa em 1641), um fragmento.

MASCARADAS

The Coronation Triumph or The King's Entertainment (O triunfo da coroação, ou O Entretenimento do Rei) (encenada em 15 de março de 1604; impressa em 1604); escrita com Thomas Dekker.

A Private Entertainment of the King and Queen on May-Day (*The Penates*) (Um entretenimento privado para o rei e a rainha no feriado de primeiro de maio) (*Os deuses da casa*) (encenada em primeiro 1 de maio de 1604; impressa em 1616).

The Entertainment of the Queen and Prince Henry at Althorp (*The Satyr*) (O entretenimento da rainha e do príncipe Henry em Althorp) (*O Sátiro*) (25 de junho de 1603; impresso em 1604).

The Masque of Blackness (A mascarada da Escuridão) (encenada em 6 de janeiro de 1605; impressa em 1608).

Hymenaei (encenada em 5 de janeiro de 1606; impressa em 1606).

The Entertainment of the Kings of Great Britain and Denmark (*The Hours*) (O entretenimento dos Reis da Grã-Bretanha e Dinamarca) (*As horas*) (24 de julho de 1606; encenada em 1616).

The Masque of Beauty (A mascarada da Beleza) (encenada em 10 de Janeiro 1608; impressa em 1608).

The Masque of Queens (A mascarada das Rainhas) (encenada em 2 de fevereiro de 1609; impressa em 1609).

The Hue and Cry After Cupid or The Masque at Lord Haddington's Marriage (O matiz e o choro depois do cupido ou a mascarada no casamento do Lord Haddington) (encenada em 9 de fevereiro de 1608; impressa, por volta de 1608).

The Entertainment at Britain's Burse (Entretenimento na Bolsa de valores Britânica) (encenada em 11 de April de 1609; dada como perdida e redescoberta em 1997).

The Speeches at Prince Henry's Barriers, or The Lady of the Lake (Os discursos nas barreiras do príncipe Henry, ou a Dama do Lago) (encenada em 6 de Janeiro de 1610; impressa em 1616).

Oberon, the Faery Prince (Oberon, o Príncipe das fadas) (encenada em 1 de janeiro de 1611; impressa em 1616).

Love Freed from Ignorance and Folly (O Amor libertado da Ignorância e da Loucura) (3 de fevereiro de 1611; impresso em 1616).

Love Restored (O Amor restaurado) (encenada em 6 de janeiro de 1612; impresso em 1616).

A Challenge at Tilt, at a Marriage (Um desafio em Tilt, em um casamento) (encenada em 27 de dezembro 1613 e em 1 de janeiro de 1614; impresso em 1616).

The Irish Masque at Court (A mascarada irlandesa na corte) (encenada em 29 de dezembro de 1613; impressa em 1616).

Mercury Vindicated from the Alchemists (Mercúrio vingado pelos alquimistas) (encenada em 6 de janeiro de 1615; impressa em 1616).

The Golden Age Restored (A idade de ouro restaurada) (encenada em 1 de janeiro de 1616; impressa em 1616).

Christmas, His Masque (Mascarada do Natal) (encenada no Natal de 1616; impressa em 1641).

The Vision of Delight (A visão do deleite) (encenada em 6 de janeiro de 1617; impressa em 1641).

Lovers Made Men, or The Masque of Lethe, or The Masque at Lord Hay's (Amantes fazem os homens ou a mascarada de Lethe, ou a mascarada junto ao Lorde Hay) (encenada em 22 de fevereiro de 1617; impressa em 1617).

Pleasure Reconciled to Virtue (O prazer reconciliado com a virtude) (encenada em 6 de janeiro de 1618; impressa em 1641).

For the Honour of Wales (Em honra ao País de Gales) (encenada em 17 de fevereiro de 1618; impressa em 1641).

News from the New World Discovered in the Moon (Notícias do Novo Mundo descoberto na lua) (encenada em 7 de Janeiro de 1620, impressa em 1641).

The Entertainment at Blackfriars, or The Newcastle Entertainment (Entretenimento no Blackfriars, ou o Entretenimento de Newcastle) (provavelmente encenada em maio de May 1620, manuscrito).

Pan's Anniversary, or The Shepherd's Holy-Day (O aniversário de Pan, ou o Dia sagrado do pastor) (provavelmente encenada em 19 de junho de 1620; impresso em 1641).

The Gypsies Metamorphosed (Os Ciganos metamorfoseados) (encenada em 3 e 5 de agosto de 1621; impresso em 1640).

The Masque of Augurs (A mascarada dos augúrios) (encenada em 6 de janeiro de 1622; impressa em 1622).

Time Vindicated to Himself and to Honours (O Tempo vingado a si mesmo e às Honras) (encenada em 19 de janeiro de 1623; impressa em 1623).

Neptune's Triumph for the Return of Albion (O Triunfo de Netuno pelo retorno de Albion) (encenada em 26 de Janeiro de 1624; impressa em 1624).

The Masque of Owls at Kenilworth (A mascarada das corujas em Kenilworth) (encenada em 19 de agosto de 1624; impressa em 1641).

The Fortunate Isles and Their Union (As Ilhas Afortunadas e sua união) (encenada em 9 de janeiro de 1625; impressa em 1625).

Love's Triumph Through Callipolis (O triunfo do amor através de Callipolis) (encenada em 9 de janeiro de 1631; impressa em 1631).

Rites to Chloris and Her Nymphs Chloridia (Ritos a Chloris e às suas ninfas Chloridia) (encenada em 22 de fevereiro de 1631; impressa em 1631).

The King's Entertainment at Welbeck in Nottinghamshire (Entretenimento do rei em Welbeck in Nottinghamshire) (encenada em 21 de maio de 1633; impressa em 1641).

Love's Welcome at Bolsover (As bem-vindas do Amor em Bolsover) (encenada em 30 de julho de 1634; impressa em 1641).

POESIA E NARRATIVAS

Epigrams (Epigramas) (1612).

The Forest, including To Penshurst (A floresta, incluindo A Penshurst) (1616).

On My First Sonne (Sobre o meu primeiro filho), elegia (1616).

A Discourse of Love (Um discurso de amor) (1618).

Barclay's Argenis, translated by Ben Jonson (Argenis de Barclay, tradução de Ben Jonson) (1623).

The Execration against Vulcan (A condenação de Vulcão) (1640).

Horace's Art of Poetry, translated by Jonson, with a commendatory verse by Edward Herbert (A arte poética de Horácio, traduzida por Ben Jonson, com versos laudatórios de Edward Herbert) (1640).

Underwood (Floresta rasteira) (1640).

English Grammar (Gramática inglesa) (1640).

Timber, or Discoveries made upon men and matter, as they have flowed out of his daily readings, or had their reflux to his peculiar notion of the times, a commonplace book (Timber, ou Descobertas a respeito de homens e matéria, à medida que eles deixaram correr as suas leituras diárias, ou tiveram seu refluxo à sua peculiar noção do tempo, um livro comum) (1640).

To Celia (Drink to Me Only With Thine Eyes) (Para Célia - beba por mim apenas com seus olhos), poema (1616).

WILLIAM SOARES DOS SANTOS (1972): Possui graduação (1997) em Licenciatura em Letras (Português/Italiano) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Licenciatura em Letras (Inglês) pela Universidade Estácio de Sá (2019), mestrado (2002) em Linguística Aplicada, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutorado em Letras (Estudos da Linguagem) pela PUC-Rio (2007). É professor Associado da Faculdade de Educação da UFRJ, onde atua como Professor de Prática de Ensino de Português e Italiano do Departamento de Didática. É, também, professor do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (PPGLN), ambos da Faculdade de Letras da UFRJ. Investiga questões envolvendo o teatro elisabetano desde a sua pesquisa de mestrado, publicada sob o título de *Identities masculinas em Coriolano e Antônio & Cleópatra de William Shakespeare* pela editora Amavise. Página do autor: <http://williamsoaresdossantos.com.br/index.html>